

PROJETO PEDAGÓGICO

BENJAMIN – POEMA COM DESENHOS E MÚSICAS



Rua Tito, 479 – Lapa – São Paulo – SP

CEP 05051-000

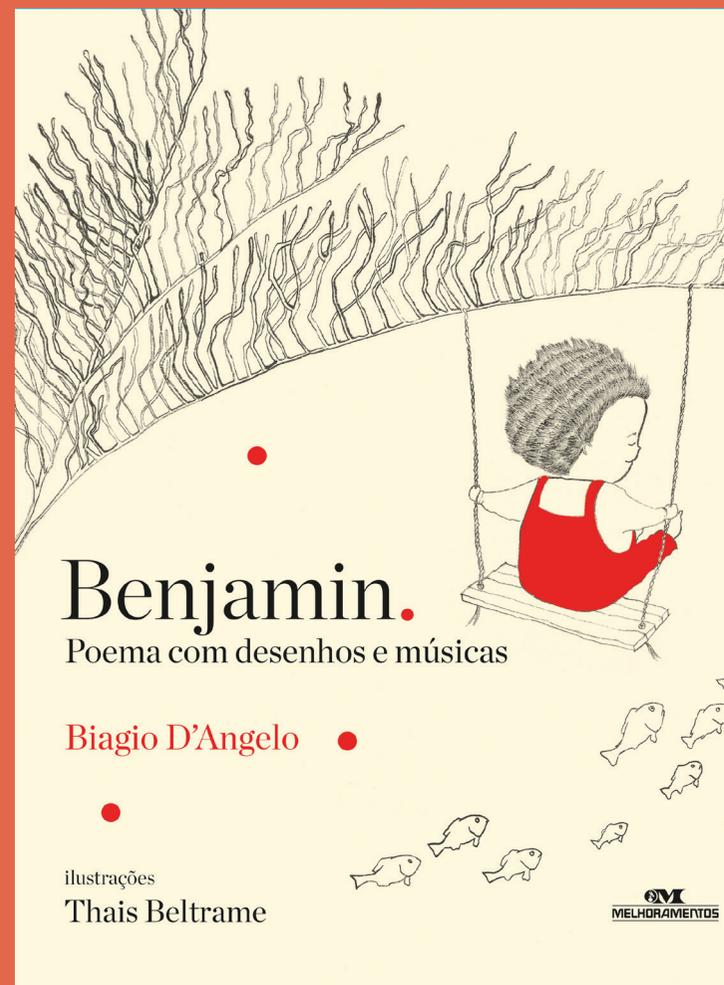
DIVULGAÇÃO ESCOLAR

(11) 3874-0884

divulga@melhoramentos.com.br

www.editoramelhoramentos.com.br

www.facebook.com/melhoramentos



O autor

Biagio D'Angelo nasceu em 1967 na Sicília, uma ilha da península italiana. É professor de Teoria, Crítica e História da Arte na Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou como professor de Teoria da Literatura e Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi professor de Literatura Comparada em várias universidades internacionais (Hungria, Peru, Bélgica, Rússia). Foi presidente do Comitê Internacional de Estudos Latino-americanos (2007-2010) da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA). É formado em línguas e literaturas orientais, com ênfase na área de arte e cultura russa, pela Universidade Ca'Foscari em Veneza. É autor de ensaios sobre as relações entre cultura e visualidade e sobre os mitos nas literaturas americanas. Publicou também três livros de poesias. Venceu em 2012 o Prêmio Jabuti na categoria literatura infantil pelo livro *Benjamin – Poema com desenhos e músicas*, título que faz parte do Acervo Básico 2012 da Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Resumo

Benjamin é uma narrativa poética que se aproxima de um monólogo interior. Por meio desse monólogo, o leitor conhece o menino Benjamin, cujo nome verdadeiro é outro, mais difícil de ser pronunciado, segundo ele. Asmático, Benjamin ouve do médico o prognóstico comunicado à sua mãe: "Quando começar a desenhar, tudo vai passar".

A expectativa de cura aumenta quando Benjamin começa a ter aulas de desenho na escola. Entretanto a professora de desenho é uma mulher amarga, enrijecida, e o menino se sente frustrado. Durante o ano letivo, chega à escola uma nova aluna: Rosália. Ela tem facilidade para desenhar e boa vontade em ensinar os colegas. Benjamin recebe de Rosália alguns desenhos de presente, entre os quais está a imagem de um grande violoncelo. Benjamin passa a estudar o instrumento e segue pela vida lidando com a asma, que, segundo ele, ainda não passou.

Ficha

Autor: Biagio D'Angelo

Título: Benjamin – Poema com desenhos e músicas

Ilustradora: Thais Beltrame

Formato: 20,5 x 27,5 cm

Nº de páginas: 32

Elaboração: Juliana Loyola



Quadro sinóptico

Temas principais:

infância e memória

Temas transversais:

ética e pluralidade cultural

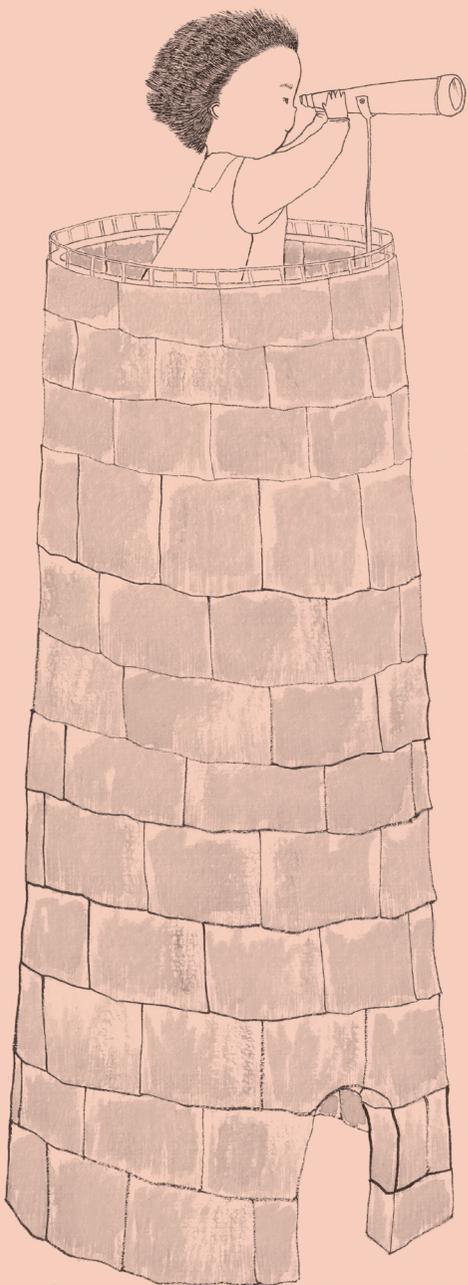
Interdisciplinaridade:

Língua Portuguesa, Literatura, Arte e Música

INDICAÇÃO:
Leitor em
processo:
a partir de

8
anos
ensino
fundamental

Diálogo com o professor



O livro que motiva este projeto de leitura é grandioso. Sua profundidade e beleza exigem um olhar atento à forma como está construída a narrativa. É isso o que pretendemos evidenciar nesta parte do projeto, por considerarmos essencial a apreensão mais ampla possível dessa obra.

O enredo de *Benjamin* é apenas uma pequena parte dessa narrativa poética. Como se pode observar pela resenha, a história é simples e relata uma parte da vida de um garoto asmático, com limitações para viver a infância em plenitude, em razão de sua grande dificuldade respiratória.

Há elementos importantes na composição, que vão dando sustentação a essa narrativa e que garantem seu profundo significado poético e a marca literária refinada que está presente nesse livro. Esses elementos devem ser *descobertos* pelo leitor, a fim de que *Benjamin* – enquanto obra – seja experimentado como um mergulho no interior do *ser da infância*, do qual esse personagem é tão representativo. Nesse sentido, o livro rompe as fronteiras da faixa etária, muitas vezes tomada como indicador de leitura. *Benjamin* é um livro que pode ser lido por todos, mesmo pelas crianças. É uma obra esteticamente completa, dotada de predicados artísticos que atendem desde o leitor infantil até o adulto e o idoso.

Em primeiro lugar, sugerimos a leitura desarmada: nada de querer conhecer o livro para saber para que ele serve, qual seu conteúdo, em que ele pode ajudar

as demais disciplinas... *Benjamin* pede um recolhimento, um momento de amor, uma parada do olhar – pede exclusividade. Feito isso, há que perguntar: O que há além da história? Por que essa leitura consegue mobilizar vários sentidos de uma só vez? Onde reside o belo nesse livro? É um relato de memória? O narrador já está adulto? Por que algumas passagens se oferecem ao leitor como momento presente? Sobre o que o livro fala? Qual é o tema que fundamenta essa *poesia*?

Antes de mais nada, é preciso perceber com cuidado a voz que narra. Como se trata de uma narrativa em primeira pessoa, o foco narrativo assume papel importante por remeter o leitor diretamente ao interior do plano ficcional. Não somos preparados para um encontro com um personagem, pois é ele próprio que se apresenta diante de nós. Sua primeira fala é de negação: “Meu nome não é Benjamin”. Ora, se o livro tem como título esse nome, o que ele nos oferece já de saída (ou de entrada) é a negação do que dele se diz. O personagem explica que seu nome é outro, de pronúncia difícil, e não revela qual é. Nesse fechamento, o narrador abre possibilidades para muitos ou todos os nomes, o que confere ao leitor um lugar nessa narrativa pelo viés da identificação, da intimidade. Ao se apresentar ao leitor como alguém que não é, Benjamin o convida a saber quem são o personagem e a obra.

Como personagem, Benjamin é um menino cujo viver se processa pela negação: em razão da asma,

adquirida (ou tornada evidente) pelo contato com uma gata na casa da avó, Benjamin luta para respirar. Como ele próprio diz, a asma anuncia uma trajetória de muitas batalhas, que, ao fim e ao cabo, é o dia a dia de todos nós que experimentamos a vida.

A ideia de que, aprendendo a desenhar, poderia se curar da asma foi vivida inicialmente como uma promessa vazia, já que esse processo de aprendizagem não contou com uma mediação eficiente, sensível, receptiva. Se desenhar significava respirar, então as aulas de desenho eram a negação da vida para o menino. A chegada de Rosália é vivida como um renascimento, porque essa amizade permite a Benjamin a experiência da significação – um processo que se dá pela representação do mundo por meio do desenho e da música.

Benjamin vive todas as coisas com delicadeza e profundidade. É uma criança sensível e observadora. Mas, se o Benjamin que escreve/conta já não é criança, como podemos perceber tão bem esse estágio infantil do personagem?

Chegamos ao cerne da preciosidade dessa narrativa, que é o trabalho com a linguagem. O discurso que se articula diante do leitor é um misto da visão e dos sentimentos da infância com a capacidade reflexiva já alcançada pelo adulto. O autor, Biagio D'Angelo, consegue instalar sua escrita numa fronteira que amalgama os dois (ou mais) estágios da vida. Trata-se de uma escrita em estado de infância elaborada

pelo autor adulto. O texto dá vários indícios de que Benjamin já não é criança: a narrativa nos remete ao passado do narrador; já faz dez anos que Benjamin estuda violoncelo; Fábio, o amigo de infância, é um encanador bem-sucedido. Mas se por um lado Benjamin não é mais uma criança, por outro ele representa o mundo e as percepções que tem do passado que narra por meio de uma lógica infantil inscrita na linguagem: “O dr. Caraluna, velhinho magrinho, magrinho, que parecia que a esposa dele não lhe dava boa comida, dizia à minha mãe [...]”. Há passagens em que a mistura é tão profunda que não se consegue definir a voz que narra em termos de uma idade cronológica: “E as perguntas eram abundantes sobre as coisas, que a mãezinha não podia responder a todas [...]. A escola era uma boa dica para saber mais”.

O autor consegue articular um discurso que inscreve um narrador ao mesmo tempo criança, adulto e velho. Como voz, essa instância narrativa pode ser todas as idades, e talvez esse seja o grande lugar de residência da literatura infantil. Lugar de fronteira, também os gêneros se misturaram – uma narrativa que se intitula poema com desenhos e músicas. Assim, o narrador não pode ser equivalente a uma pessoa, mas a uma instância de linguagem que assume, por meio da arte literária, vários estados de ser, amarrados pela memória da infância. *Benjamin* é experiência pura!



Já apresentamos alguns aspectos do livro enquanto forma literária. Vamos a algumas ideias que podem auxiliar o trabalho de mediação da leitura.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que nada substitui o contato direto entre leitor e obra. O trabalho de mediação é periférico a essa experiência, embora possa ser decisivo para os resultados que advirão do contato entre o leitor e o livro. Apresentar uma obra como *Benjamin* deve ser o mesmo que apresentar uma experiência de leitura. Não se trata de propaganda ou de marketing do produto, mas de uma notícia que só quem viveu o livro pode dar. As formas como a leitura será feita podem ser várias: o professor lê para o grupo de alunos; todos os alunos leem individualmente; a leitura é feita de maneira compartilhada, em que cada um lê um pouco etc. Feito isso, é bom estar atento ao fato de que *Benjamin* é um livro que põe em diálogo várias manifestações artísticas. Ele próprio integra dois códigos estéticos: o verbal e o visual. É necessário – também e principalmente – ler essa relação.



A ilustração em *Benjamin* constitui uma dimensão importantíssima, porque já compreende uma primeira leitura do texto. Em pleno exercício da função dialógica, a ilustração permite que o leitor entre no universo singelo, porém profundo, da história, do personagem, do sentido da infância. Trabalhando com as cores branca, vermelha e preta, o projeto revela, no número reduzido de tonalidades, sua perfeita harmonia com a simplicidade. Os traços são finos, semelhantes a desenhos feitos com lápis preto – o primeiro objeto que a criança precisa dominar quando está em idade escolar e também um elemento que convida ao desenho. É importante perceber que a ilustração procura explorar aquilo que o texto não mostra. Imagens e metáforas como as que aparecem, por exemplo, nas descrições da professora (cara de tronco de árvore e olhos pesados como de alguém que nunca dormiu) não são representadas pelos desenhos, porque dispensam tal referência.

O vermelho está presente em todas as páginas e na capa, sempre realçando detalhes, nunca tomando toda a cena. No caso da capa, o vermelho marca a lombada do livro, apresenta o autor, está na roupa do menino e nas bolinhas que introduzem a ideia de um cenário subaquático também sugerido pelas características da vegetação do entorno. Se na história narrada Benjamin é um peixe fora d'água, em decorrência das limitações que o impedem de participar das atividades infantis, na ilustração ele pode respirar dentro d'água. Assim, a ilustração confere a Benjamin uma condição especial, porque respira de forma diferenciada. O ritmo da respiração impõe a lentidão dos movimentos do corpo, uma lentidão que experimentamos quando mergulhamos na água. A ilustração traduz, portanto, a singularidade desse menino, que, ao ter menos, consegue perceber mais, porque se detém por mais tempo sobre as coisas da vida.



Às vezes, a cor vermelha está em alguns peixes, outras vezes, na roupa do menino, nos objetos que ele toca, nas frases que introduzem novas páginas ou momentos marcantes. Essa cor confere vitalidade às páginas, dá alegria aos desenhos, mas não de maneira agressiva.

A presença tímida e delicada do vermelho nos remete também à respiração reduzida pela dificuldade imposta pela asma, que também reduz o movimento vital (do qual essa cor é representativa). Há pouco vermelho, mas é ele que permite o detalhe, o cuidado com que o nosso olhar é direcionado para uma ou outra parte da ilustração.

A utilização dos traços em preto, lembrando o lápis de desenhar e os esboços do que será uma ilustração futura, nos faz pensar numa existência em construção, algo que está em andamento: ou porque ainda é pequeno demais (o Benjamin criança) ou porque está sendo construído ao tempo em que se narra (uma construção da memória por meio de uma língua

em estado de infância). Embora aparentemente simples, os traços que desenham as cenas são de uma riqueza de detalhes e de uma delicadeza que não nos permitem pensar em algo superficial. Há nos traços a paciência do gerúndio, que prenuncia as mudanças mais significativas.

Finalmente, os peixes! A ilustradora Thais Beltrame é exímia na relação que se inscreve entre a narrativa e a figura do peixe – animal que nos confronta com o mistério da respiração. Os peixes que ilustram o livro voam, saem do piano como notas musicais, passam por cima de uma ponte, saem de dentro de um porão. O peixe aparece também no colo do menino e na cabeça dele, como se fosse um chapéu. Há momentos em que o garoto é um pouco peixe.

Esse diálogo que a ilustradora estabelece com o texto amplia a dimensão estética do livro e coloca *Benjamin* (como personagem e como obra) num espaço singular.



Interfaces interartes: literatura, música e artes plásticas

Outro aspecto que merece ser destacado nessa proposta são as interfaces que o livro estabelece com outras artes – o diálogo interartes. Estão presentes na concepção da narrativa a literatura, as artes plásticas e a música. O subtítulo já anuncia, inscrevendo as três manifestações artísticas: *Poema com desenhos e músicas*.

Ao ser examinado pelo dr. Caraluna, Benjamin recebe uma prescrição médica: “Quando começar a desenhar, tudo vai passar”. Os desenhos de Benjamin são geométricos, o que incomoda muito a professora Doroteia – uma mulher com cara de tronco de árvore e com olhos pesados como de alguém que nunca dormiu. Mais tarde, Benjamin percebe que há beleza nas formas geométricas, já que elas podem conter e representar praticamente tudo o que existe no mundo. No fluxo do monólogo que recupera e atualiza a infância, o narrador tenta se lembrar do nome do pintor famoso que pintava formas geométricas (Picasso). A música aparece no livro logo no

início, inscrita pela ilustração que mostra o menino ao piano.

Há outras referências à música inseridas por meio da ilustração, como se pode observar em toda a obra.

No nível verbal, aparece a referência ao violoncelo: primeiro num desenho feito por Rosália e dado de presente a Benjamin; mais tarde, na realidade vivida pelo menino, que passa a estudar esse instrumento. Há musicalidade também no texto, na forma suave e vagarosa como o leitor vai conhecendo o interior do personagem e suas lembranças.

No caso da poesia, muitos poderiam ser os poemas e poetas convocados para dialogar com *Benjamin*: “O poeta aprendiz”, de Vinicius de Moraes (musicado por Toquinho); “Porquinho-da-índia”, “Menino doente”, “Meninos carvoeiros”, de Manoel Bandeira; “Eras”, “Brincadeiras”, de Manoel de Barros – para citarmos apenas alguns poucos entre uma infinidade de belos poemas que inscrevem o *ser da infância*.

